



A CRIAÇÃO E O ROUBO DAS PALAVRAS: ENUNCIADOS, AUTOR, LEITOR

Euclides Antunes de Medeiros*

Universidade Federal do Tocantins – UFT

euclides.antunes.@uol.com.br

RESUMO: Este artigo tem a pretensão de problematizar, a partir da análise de um texto “relativamente desconhecido”, bem como seu autor no campo da literatura Brasileira, como a literatura é mobilizada nas relações sociais. Entender tal mobilização permite revelar a estrutura de sentimentos no interior da qual o texto foi gerado. Nesse sentido os elementos estéticos mobilizados revelam as relações entre o autor, sua consciência prática e a ficção.

PALAVRAS-CHAVE: História – Mobilização – Literatura – Épico-Trágico.

CREATION AND THEFT OF WORDS: STATEMENTS, AUTHOR, READER

ABSTRACT: This article pretends to discuss, from the analysis of a text “relatively unknown” as its author in the field of Brazilian literature, how literature is mobilized in social relations. Understanding such mobilization can reveal the structure of feeling within which text was generated. In this sense, the aesthetic elements mobilized reveal the relationship between the author, his practice awareness and fiction.

KEY-WORDS: History – Mobilization – Literature – Epic-tragic.

De que é feito um texto? Fragmentos
originais, montagens singulares, referências,
acidentes, reminiscências, empréstimos
voluntários.

Michel Schneider

* Doutor pela Universidade Federal de Uberlândia e professor adjunto nos Colegiados dos Cursos de História da Universidade Federal do Tocantins e do **Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território** no campus de Araguaína. Líder do Grupo de Pesquisa: História Regional, Memórias e Territorialidades. Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura - NEHAC, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

INTRODUÇÃO

UM AUTOR DESCONHECIDO

O alvo de nossa análise é uma publicação *sui generis*: **O Duro e a Intervenção Federal**, seu autor: Abílio Wolney Aires Neto. Tanto a publicação quanto o autor são relativamente desconhecidos no campo da Literatura Brasileira. Entretanto, independente do reconhecimento conferido a um escritor “em qualquer sociedade específica, numa fase específica, os escritores podem descobrir em sua literatura as realidades de suas relações e, nesse sentido, de seu alinhamento”.¹ Nossa intenção é muito mais discutir o caráter mobilizador da literatura do que propriamente “dar voz” ao autor desconhecido, em que pese o fato de que este deseja evidentemente se tornar conhecido, ou, pelo menos, que sua “causa” seja reconhecida, e, independente de nossa intenção, precisamos apresentá-lo, sem o que nossa discussão, é óbvio, não faria sentido para o leitor.

Iniciamos já alertando que, se o autor é relativamente desconhecido, por um lado, por outro, sua causa envolve uma obra literária que já é bastante conhecida do público que lida com a literatura. Tal obra é **O Tronco**, de Bernardo Élis. Voltemos, porém, ao autor em questão. Abílio Wolney Aires Neto nasceu em Dianópolis, TO, no ano de 1963, filho de Zilmar Póvoa Aires e Irany Wolney Aires, descendentes direto de uma tradicional família de chefes políticos do Estado de Goiás. A proposta em tela é problematizar a relação entre literatura, memória e História, a partir da apropriação desse memorialista, Abílio Wolney Aires Neto, feita sobre a escrituração de Euclides da Cunha, na obra **Os Sertões**, que tem como um dos objetivos, assumido explicitamente pelo próprio, “reconstruir” a memória de sua família, que, em sua opinião, foi ultrajada pela literatura e pela história.

Como o próprio sobrenome indica, o autor é descendente do Coronel Abílio Wolney, um importante chefe político do antigo norte de Goiás, e, mesmo exercendo a magistratura, tem dedicado boa parte de seu tempo a publicações em forma de livros e artigos no sentido de, segundo o ele, “fazer justiça” ao nome do avô que, em sua opinião, foi tratado injustamente tanto pela historiografia quanto pela literatura, posto ter passado para a história como um vilão nos acontecimentos que ficaram conhecidos

¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 203-204.

pela historiografia de Goiás como “a chacina do Duro”² nos quais nove membros da família Wolney foram executados em um tronco existente no próprio sobrado da família em São José do Duro, GO, atual Dianópolis, TO. O Episódio é assim narrado na introdução da obra em análise:

[...] Ali, no tronco, um quadro dantesco, macabro. Esticados na presilha, estavam sete mortos, além de outros dois num quarto contíguo, todos expostos num sacrifício singular: *faces horrendas, empastadas de escaras e de sânie; braços inteiriçados repontando desnudos, num retesamento de angústia; mãos espalmadas e rígidas, mãos contorcidas em crispaduras de garras, apodrecendo, sinistras, em gestos tremendos de apelos excruciantes*¹¹. Os cadáveres já disformes pela inchação estavam empretecidos, irreconhecíveis e cheirando mal.³

O trecho em itálico é precedido pela nota de rodapé de número 11 com a referência “Texto emprestado de Euclides da Cunha em **Os Sertões**”. No original, é parte constitutiva do tópico euclidiano “passeio dentro de canudos” e refere-se aos momentos finais do confronto em que as tropas federais vencem os conselheristas e contemplam a destruição. O jogo entre ficção e realidade, montado por Wolney Neto, refere-se ao momento em que seu avô adentra o sobrado e contempla os corpos de seus familiares que foram executados. Tal chacina foi o desfecho de uma longa disputa

² Chacina do Duro, Barulho do Duro, Chacina dos Nove e Tragédia do Duro são algumas das várias denominações que aparecem no memorialismo, na literatura e na historiografia goiana para designar o episódio que foi o desfecho de uma longa querela entre as famílias Wolney e Caiado, disputando o poder em São José do Duro, GO. O estopim foi aceso em maio de 1918, a partir do arrolamento do inventário de Vicente Belém, assassinado no final do ano de 1917, com suspeitas de implicação das autoridades locais. O referido arrolamento, feito pelo Coronel Abílio Wolney, amigo da viúva Belém, não foi aceito pelo Juiz local, o que resultou em uma invasão feita pelo Coronel Abílio Wolney juntamente com seu pai e alguns homens armados ao gabinete do juiz, com o fito de fazer este último aceitar e dar encaminhamento ao inventário. As autoridades locais viram aí a oportunidade de solicitar socorro junto à família Caiado, situada na cidade de Goiás, com fortes vínculos com o governo de Estado que, por sua vez, enviou para São José do Duro uma Comissão presidida pelo juiz Celso Calmon Nogueira da Gama, que estava disposto a atuar de acordo com os interesses políticos desse governo. Como resultado das ações dessa comissão, foi morto o Coronel Joaquim Aires Cavalcante Wolney, pai do Coronel Abílio Wolney, em 23 de dezembro de 1918, por soldados de uma escolta que teria ido prendê-lo pelo ato de invasão ao gabinete do juiz. Apesar de não ter oferecido resistência, acabou sendo morto em sua própria fazenda. Tendo conseguido escapar dessa escolta, seu filho, Coronel Abílio Wolney, se encaminhou para São José do Duro, com muitos homens fortemente Armados. O Juiz Celso Calmon fugiu de São José do Duro, deixando a vila entregue às autoridades locais com a proteção de cerca de 40 policiais, cujo comandante, tentando evitar o ataque do Coronel Abílio Wolney, fizera nove reféns, membros da família Wolney, que estavam na cidade e que foram todos fuzilados e sangrados pela polícia, antes mesmo de o Coronel Abílio Wolney adentrar à vila.

³ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 19. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3> . Acesso em 16 jul 2015.

política pelo poder em Goiás entre as famílias Wolney e Caiado, e foi praticada pelas forças policiais do Estado que, politicamente, estavam alinhadas a esta última família.

Na Literatura, o episódio inspirou o romancista Bernardo Elis a narrá-lo por meio da “ficção”, e o instrumento de suplício da família foi apropriado como título de sua narrativa: **O Tronco**, figurando a presença e força da velha ordem política dos oitocentos. Tal romance foi adaptado para o cinema, com direção e roteiro de João Batista de Andrade. Abílio Wolney Neto chegou a “fazer queixa-crime contra a honra dos mortos” em desfavor do cineasta que fez a adaptação cinematográfica da obra de Bernardo Elis. Nessa batalha específica de sua guerra, recentemente publicou em parceria com seu irmão, Zilmar Wolney Aires Filho, o livro **No Tribunal da História**, que tem por tema central a discordância em relação tanto ao enredo quanto à divulgação do filme **O Tronco**.

No dia 08 de outubro de 1999, o QUERELADO [o cineasta João Batista de Andrade], a despeito de notificado extrajudicialmente desde 29.04.98, via imprensa, fez o lançamento do filme chamado O Tronco, onde reproduziu, piorando, a estória narrada no livro homônimo do escritor Bernardo Elis, que tem **um enredo a todas as luzes injurioso, difamatório e caluniador** das famílias Leal, Rodrigues, Costa, Cavalcanti, Póvoa, Ayres e Wolney, estirpes à qual pertencem os querelantes, mormente as quatro últimas, hoje centradas em uma universidade de cidadãos, distribuídos no Distrito Federal, em Goiás e em diversos lugares do País, ocupando algumas posições de destaque na realidade política e social do Estado Brasileiro, sob o patronímico, dentre outros, dos nomes de família citados.⁴



Desnecessário argumentar que Wolney Neto considera tanto o filme como a obra literária, na qual foi inspirado, como instrumentos de injúrias, calúnias e difamação. Entretanto, é necessário ressaltar um detalhe importante: da afirmação do autor que o filme “reproduziu, piorando, a estória narrada no livro”, podemos inferir que, na sua concepção, o filme é “pior” que a obra literária que narra uma “estória”, e não a História. Aparentemente, de forma paradoxal, evidencia sua concepção de que a narrativa ficcional não contém a “verdade a histórica”, ao mesmo tempo em que, ao longo de toda sua publicação, irá dela se servir, ficcionalizando a História, procurando um efeito de verdade por meio da ornamentação literária. O que desfaz o aparente paradoxo é a hierarquia expressa pelo adjetivo “pior”. Ao que deixa transparecer, a arte

⁴ Trecho dos argumentos contidos na queixa-crime, transcrita para o livro de Wolney Neto e Zilmar Wolney Aires Filho e disponibilizado no blog dos autores. Disponível em ABÍLIO WOLNEY AIRES NETO, 2006. <http://abilio-wolney.blogspot.com.br/2006/06/abilio-wolney-aires-neto-no-tribunal-da.html>. Acesso em 01 mai. 2015 (Destaque nosso).

é vista de forma hierarquizada, sendo que no topo de sua escala estaria a obra literária de um Euclides da Cunha e a obra de Bernardo Élis, por sua vez, apenas poucos degraus acima do filme, que figuraria em último lugar.

Em seu embate pela “restauração” da memória de sua família, publicou um Relatório do Ministério da Guerra, no qual narra a expedição de um batalhão militar que se deslocara até São José Duro com o fito de averiguar o episódio que culminou com a chacina da família Wolney. Nessa publicação, ao apresentar o relatório, Wolney Neto utiliza trechos de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, e, sobre este procedimento, argumenta que: “à crítica que venhamos a sofrer pelas transcrições da obra máxima da literatura brasileira oferecemos o silêncio”, pois, segundo justifica, utiliza ele Euclides da Cunha “para que diga por nós o que soubemos sentir, mas não soubemos expressar”, como veremos em citação adiante. Sim. Wolney Neto soube sentir e, embora concordemos consigo que não sabe expressar, ao menos nos moldes poéticos de um Euclides da Cunha, não é difícil inferir de sua narrativa que o seu sentimento se origina de um profundo (res)sentimento. Porém, é impelido por um desejo restaurador, tanto da versão que considera verdadeira dos fatos do Duro, quanto da sensibilidade capaz de converter seu avô na figura épica, embora trágica, que ele sente ser.

Deste modo, o ressentimento pelo ultraje ao “nome de família”, pela deposição da família do poder pela via das armas, pelas construções historiográficas, memorialísticas e literárias que, em seu entendimento, são também responsáveis por tal difamação, é limítrofe de uma outra sensibilidade: o desejo de seduzir literariamente o leitor. “Limpar” o nome da família, por outro lado, garante-lhe, na condição de juiz no mesmo Estado onde ocorreram os episódios ligados à “chacina do Duro”, manter incólume seu próprio nome. Nesse sentido, sua racionalidade de juiz divide espaço, sobrepondo-se, no mais das vezes, à sua sensibilidade de escritor. Isso explica, em boa medida, a modulação que tenta realizar em seus escritos, que oscilam entre a memória, a história e a literatura.

Dito isso, consignamos que, neste texto, buscamos compreender os sentidos do uso que o autor faz dos trechos euclidianos, “plasmando” as narrativas da expedição a Canudos contidas em **Os Sertões** à narrativa do Relatório do Ministério da Guerra sobre a expedição a São José do Duro bem como à narrativa de sua própria inventiva. Ao que parece, ao realizar tal procedimento Wolney Neto não está consciente de que “a incerteza quanto à paternidade dos livros se conjuga com a fragilidade quanto à

permanência do eu”⁵ e, assim, seus traços de personalidade e sua batalha pela memória do avô o direcionam a tal empreendimento. Em **Ladrões de Palavras**, Schneider analisa praticamente todas as formas de plágio, especialmente aquelas que concernem ao campo da literatura, deixando-nos o incômodo questionamento de que “nada se cria tudo se copia”.

Esse autor problematiza os escritos de Shakespeare, Michelet, Camões, Balzac e Flaubert, dentre outros não menos importantes nomes da literatura ocidental, bem como de escritores de outros campos, alguns reconhecidamente plagiários e outros que chegaram até mesmo a confessar a prática “pilhatória”. No tópico “elogio da pilhagem”, Schneider discute como aquele que copia justifica a cópia feita, nos seguintes termos:

Buffon, que será plagiado por Michelet, não hesitou em plagiar Molière ao escrever: ‘pego o que há de bom lá onde o encontro’, retomando assim a fórmula do autor Misanthrophe: ‘permiteme retomar o que me convém lá onde encontro’. Copiado por sua vez, de uma fórmula idêntica, escrita por Cyrano de Bergerac (de quem tomara duas cenas de seu ‘Pédant joué’, para integrá-las nas Fourberies de Scapin, mas Cyrano as obtivera no Candelaiio de Giordano Bruno Nolano) [...].⁶

O que mais nos interessa na sua problematização são as indicações de que por trás do exercício da cópia há uma infinidade de condicionantes que revelam aspectos importantes tanto no que se refere à *psique* dos autores quanto às relações destes com a sociedade. Nessa direção, alertamos que não estamos realizando um julgamento moral acerca de Wolney Neto,⁷ mas sim problematizando como, por meio da cópia confessada de trechos da obra euclidiana, seu texto vai sendo urdido nas fronteiras da memória, da história e da literatura como um exercício narrativo apaixonado, inteligível e revelador.

A MOBILIZAÇÃO DA LITERATURA EUCLIDIANA

Pois bem, dentre os artigos e livros publicados por Wolney Neto, o que nos chamou mais atenção e que selecionamos para nossa problematização foi **O Duro e a Intervenção Federal: Relatório ao Ministro da Guerra**, obra publicada pelo escritor em 2003. Nela, Wolney Neto se coloca na condição de memorialista/literato,

⁵ SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 15

⁶ Ibid., p. 145.

⁷ Por este motivo, desta página em diante optamos pelo uso do termo “cópia”, ao invés de “plágio”.

mobilizando a conhecidíssima obra de Euclides da Cunha. Assim ele introduz sua publicação:

O livro que ora apresentamos consta de uma *Introdução* seguida de um cotejo da fase preparatória da *Campanha de Canudos em 1897*, descrita na obra os *Sertões*, de Euclides da Cunha, com a *Campanha do Exército para São José do Duro em 1919*, dada a similitude, pelo menos em alguns pontos preliminares, das *Expedições* de lá e daqui, acrescidos de situações imaginadas pelo autor à míngua desses dados prefaciais no *Relatório*, objeto maior deste modesto livro.

À crítica que venhamos a sofrer pelas transcrições da obra máxima da literatura brasileira oferecemos o silêncio, ante o óbvio que denuncia a grande distância que nos separa da categoria literária de um Euclides da Cunha – daí nos louvamos nele, em alguns pontos, para que diga por nós o que soubemos sentir, mas não soubemos expressar.⁸

O uso do termo “transcrição” denuncia o interesse que Wolney neto quer ocultar, pois que “transcrever”, pelo que podemos inferir de sua “escusa”, seria apenas o ato mecânico de copiar, e o que ocorre no caso é, de fato, uma “apropriação” do texto euclidiano. Escusar-se pela transcrição alegando “saber sentir, mas não saber expressar” induz seu leitor a uma “empatia” tanto no que se refere ao autor quanto em relação à narrativa que se vai apresentar e, por conseguinte, pela sua causa. Por outro lado, realiza um exercício heteronímico às avessas, “vestindo a pele literária” de um Euclides da Cunha, quer dizer, o autor se submeteu a uma dada tradição literária, por um lado, mas, por outro, admite certo temor em relação à reprovação que, por (des)ventura, recaísse sobre sua própria criação. Contudo, para convencer seu leitor que sua causa é justa, Wolney Neto precisa revestir seus enunciados de um caráter performativo, que “[...] é determinado em sua estrutura e em sua função pela posição que ocupa no interior do campo do poder”, derivando, assim, de um “sistema de posições predeterminadas”⁹.

Wolney, então, mobiliza Euclides da Cunha de modo a trazer elementos poéticos para seu texto com o fito de, para além de “encantar” o leitor, se valer da escrituração euclidiana, ficcionalizando a realidade e, assim, coloca a ficção - e a memória - a serviço de “uma verdade”: a “sua” verdade sobre seu avô, concebendo-a também como a verdade da história. Nesse sentido, Wolney neto veste e despe alternadamente as máscaras de literato, de memorialista e de historiador e, neste frenesi,

⁸ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 08. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015.

⁹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.190.

deixa à mostra sempre a sua própria máscara: a de juiz. Um literato que copia; uma memorialista que declara; um historiador em busca da “enargeia”. O juiz que julga o passado, mobilizando o “tribunal da história”. Utiliza, pois, a literatura como “adorno” em busca de uma eficácia para seus próprios enunciados nos moldes que Ginzburg problematiza para a atuação do historiador: “Discursos ficcionais de chefes de exército ou a respeito de conspirações são aceitáveis como ornamentos, mas com uma condição: que sejam indicados como discursos diretos”.¹⁰

Embora Ginzburg, em **O fio e os rastros**, em várias passagens direcione sua problematização para a questão da “prova documental”,¹¹ nossa referência a ele se justifica à medida em que ele reconhece e nos ajuda a entender que o princípio do encantamento presente no ornamento se vincula à sedução e que é, por isso mesmo, mobilizador. Orientado por um “espírito de família”, Wolney Neto se calça de uma “linguagem de autoridade”, pretendendo atingir uma legitimidade à medida que a reconhece dependente da recepção, já que se vincula ao acesso aos meios discursivos e ao reconhecimento da instituição da palavra. Desta maneira, seu discurso performativo, que é revestido pela autoridade jornalística e poética euclidiana, pretende também ocultar o efeito simbólico da mobilização social das palavras e os usos da linguagem que demarcaram os critérios que o fizera escolher Euclides da Cunha e não outro literato qualquer.

Wolney Neto tem clareza de que está travando sua luta em dois campos imbricados: o intelectual e o estético. Que combate contra um literato já reconhecido, Bernardo Élis. Que a recepção de sua própria escrita dependerá de como irá mobilizar o capital cultural no interior desses campos. De acordo com Bourdieu, esse capital cultural pressupõe um “capital de instrumentos de expressão”, que, em suas palavras:

[...] é necessário à produção de um discurso digno de ser publicado (quer dizer oficializado). Esta produção de instrumentos de produção tais como as figuras de linguagens e de pensamento, os gêneros, as maneiras ou os estilos legítimos e, de modo geral, todos os discursos destinados a se tornarem ‘autoridade’, fontes de ‘referência obrigatória’¹².

¹⁰ GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 32.

¹¹ Especialmente nos capítulos **Unus testis** – O extermínio dos e o princípio de realidade e **Apêndice** – Provas e possibilidades.

¹² BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 2008. p.45. 2 ed.

A mobilização da literatura euclidiana assume, pois, em Wolney Neto duas funções em seu texto: Primeiro, Euclides da Cunha é jornalista - aquele que trabalha com a “informação fidedigna”, que expõe a verdade, até porque escreveu **Os Sertões** a partir de um trabalho de campo indo *in locu* verificar os horrores da Guerra de Canudos. Por esta linha de raciocínio, para Wolney Neto, a literatura mobilizada assumiu a função de estabelecer o efeito próprio da “enargeia”, quer dizer, dar vividez e, por conseguinte, criar um “efeito de verdade” para sua versão narrativa dos episódios envolvendo seu ancestral homônimo, Coronel Abílio Wolney. Em segundo lugar, Euclides também é literato: aquele que “ficcionalizou” a Guerra de Canudos, que a soube sentir e expressá-la com os ornamentos das artes, procedimento que Wolney Neto admite não ter ampla competência para realizá-lo. A função da mobilização, neste caso, é a de impactar o leitor, tentar interferir e controlar, conscientemente, no processo de recepção de sua escrita.

Para além de todas as controvérsias acerca da obra **Os Sertões**, quanto ao seu “enquadramento literário”, ao que parece o que move Wolney Neto em sua direção é, sobretudo, o efeito de verdade presente nessa obra, já que o próprio Euclides da Cunha, em várias ocasiões, afirmou que o projeto original da obra seria narrar a verdade sobre a Guerra de Canudos e que só posteriormente teria “revestido” essa verdade com a linguagem literária. Mesmo admitindo a ficcionalização da realidade sobre Canudos, Euclides da Cunha jura dizer a verdade dos fatos, asseverando nas notas à 2ª edição de **Os Sertões**: “Ninguém o negará”. Entretanto, mesmo fortemente influenciado por sua “racionalidade jurídica”, Wolney Neto tem a percepção de que é impossível controlar os efeitos que qualquer escrita pode gerar no processo de recepção e, em certa medida, reconhece, em Euclides da Cunha, não apenas um recurso retórico, mas também uma influência estética. Sobre essa relação, Hans Robert Jauss tem algo a nos dizer a respeito:

[...] a experiência estética não se esgota em um ver cognoscivo (*aisthesis*) e em um reconhecimento perceptivo (*anamnesis*): o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como participante de uma cura (*katharsis*)¹³.

¹³ JAUSS, Hans Robert et all. **A Literatura e o Leitor**: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 86-87.

Ao problematizar a estética da recepção, Jauss atribui ao leitor papel importante no processo que envolve autor/leitor no campo da comunicação literária e reduz, a ponto de quase eliminar, o controle dos efeitos enunciados deliberadamente e imaginados *à priori* pelo autor. O ato da leitura seria, pois, uma projeção do repertório do leitor, o que vale dizer, do seu próprio capital cultural, sobre o texto lido. No caso em tela, Wolney Neto, na condição de leitor de Euclides da Cunha, realiza essa projeção a partir do “choque” causado pela leitura euclidiana à medida que sua paixão é despertada - a paixão que o move a “restaurar” a memória de seu avô. Por outras palavras, os objetivos de Wolney Neto são impactados pela paixão, flexibilizando, assim, o controle pretendido por ele, por um lado e, por outro, abrindo espaço para a *poiesis*.

A MOBILIZAÇÃO DO ÉPICO E DO TRÁGICO

TONS DE ÉPICO

Pelo exposto até aqui, a escolha pela escrituração euclidiana realizada por Wolney Neto nos remete ao trágico, pois que trágica é a forma pela qual é sentida a execução de seus antepassados; também ao épico, dado que, para recompor a memória dessa família, há de fazê-lo por meio da epopeia, à medida que Wolney Neto tem de seu avô a imagem de um herói, mas não qualquer herói: o herói épico. O exercício imaginativo de Wolney Neto sustenta-se na construção de um sentido e de um estilo textual oriundos da combinação de fatos e interpretações que, na impossibilidade da reconstrução objetiva almejada, recria uma lógica narrativa para o processo que quer reestabelecer. Cabe acrescentar que essa recriação mescla intenções e paixões das quais tratamos como um desvio no interior do campo literário, ou, se assim se preferir, como uma “excentricidade”, uma particularidade. Neste sentido, compartilhamos da seguinte convicção:

[...] de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como ‘caso particular do possível’, conforme a expressão de Gaston Bachelard¹⁴.

Tal particularidade, no que tange ao campo literário, é justamente a modulação que Wolney Neto promove entre o épico e o trágico e que revela, em nosso

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 15.

entendimento, uma dada estrutura de sentimentos na qual está imerso, mesmo que tal imersão tenha sido “legada” pelo espírito de família. Seus antepassados, especialmente o Coronel Abílio Wolney, eram homens habituados às batalhas, aos confrontos armados oriundos, de regra, das rixas entre as famílias que disputavam o poder político em Goiás. De regra também tais embates são narrados pelo memorialismo goiano, e por boa parte da literatura regional, representados como “batalhas gloriosas, lutas entre titãs” e representações afins, elaboradas com tons marcadamente épicos e trágicos. Tais narrativas constituem boa parte dos materiais manipulados pelos historiadores que se dispuseram a investigar os processos que lhes deram origem. Das ações políticas e administrativas da família Wolney seu descendente, alvo de nossa análise, se refere como “o sopro épico das grandes epopéias sertanejas, fazendo a história”.¹⁵

Wolney Neto, ao descrever a composição da comissão militar comandada pelo Coronel Álvaro Mariante, já inicia a realização do jogo narrativo entre os possíveis embates que ocorreriam entre as tropas federais e os homens sob o comando de seu avô. A descrição de batalhas imaginadas procura sempre pelo tom épico, inspirado em Euclides da Cunha:



Todavia, atacariam. Vieram do Rio, de Salvador, viriam de Aracajú-SE, de São Paulo, de Juazeiro-BA, por ordem do Ministro de Guerra. Três, seis, oito Batalhões se preciso, como foi em Canudos. Era cuidar na formatura, no encaixar o inimigo morro acima ou abaixo, adiante no Buracão ou na Vila, de modo que a Expedição não caísse nas mãos dos jagunços¹⁶.

Ressalte-se, entretanto, que tais embates nunca ocorreram. Daí a utilização do verbo no futuro, “atacariam”, e ainda no modo subjuntivo que indicaria não certeza, mas dúvida ou apenas uma possibilidade. Em seu exercício de imaginação, Wolney Neto “imagina” a apreensão que envolvia os comandantes e soldados das tropas federais. Foi a única forma possível de tramar o tecido narrativo entre as campanhas militares de Canudos e a expedição militar a Vila de São José do Duro, já que, nesta última, não ocorreram confrontos, uma vez que no momento em que as tropas federais chegaram à vila o Coronel Abílio Wolney já havia se retirado. Wolney Neto desconsidera as polêmicas em torno do “enquadramento” da obra euclidiana, se trágica, se épica, se

¹⁵ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 15. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015..

¹⁶ Ibid., p. 121.

dramática. Ao que parece, basta-lhe que os tons trágicos, épicos e dramáticos sejam reconhecidos, como feito por Franklin de Oliveira: “Nas Troianas, Eurípedes dá o quadro dos horrores a que se vê submetida uma cidade conquistada — e esse é o mesmo quadro que vai aparecer em *Os Sertões*. O sentimento trágico era a vocação de Euclides”;¹⁷ ou, ainda, por Afrânio Coutinho: “obra de ficção, narrativa heróica, epopeia em prosa [...] cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*. [...] do gênero épico, falta-lhe o herói, já que não celebra os vitoriosos e sim os vencidos.”¹⁸

O que o autor em análise almeja é, pois, exatamente caracterizar a atuação de seu avô como uma luta épica, nos moldes em que Euclides da Cunha narrou os episódios de Canudos, e, se em **Os Sertões** faltou a figura do herói, de bom grado Wolney Neto preenche tal ausência, em sua própria narrativa, com a figura de seu avô, ficcionalizando a história a partir de seu olhar para o passado. Para descrever o sofrimento de seu antepassado diante dos nove corpos de seus familiares executados no tronco, toma de empréstimo as palavras daquele que considera um herói de uma grande guerra:



Pode-se imaginar Abílio Wolney, justamente quem o Governo mais queria e precisamente o que se salvou da *Chacina*, debaixo do olhar interrogativo das viúvas e parentes das vítimas tentando explicar a todos, ou um a um, num soluço que lhe entrecortava a voz magoada e emocionante: [...] _É a nossa política agora. Vocês perguntam: qual é o meu objetivo? Posso responder com uma palavra: vitória, mesmo que um dia, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror; a vitória, por mais longa e árdua que seja a estrada, pois, sem a vitória, não conseguirei sobreviver à minha sentença de morte¹⁹.

Uma nota ao pé da página, a número 12, reza: “Metáfrase inspirada nas palavras do estadista inglês Winston Churchill, adaptadas e acrescentadas pelo autor “. O recurso a que lança mão busca um efeito estético: se é necessário retirar da figura do avô o estigma de “bandido”, nada mais adequado que “fazê-lo recitar” o discurso de Churchill, promovendo, então, uma justaposição de vozes e de máscaras, pois, como diz Celso Lafer, parafraseando Octávio Paz:

¹⁷ OLIVEIRA, Franklin de. **Euclides da Cunha**: a espada e a letra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 95.

¹⁸ COUTINHO, Afrânio do Santos. **Euclides, Capistrano e Araripe**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1967.

¹⁹ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 22. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3> . Acesso em 16 jul 2015.

Sempre lemos uma tradução e nunca o original, pois atrás da máscara não há nada a não ser talvez um nós/outros instantâneo – uma imagem poético-política revelada pela interpretação. Entretanto enquanto vivemos precisamos das máscaras que são facções e ficções [...] ²⁰.

Ao Coronel Abílio Wolney são atribuídas máscaras que significam o heroísmo que Wolney Neto quer fazer representar e, nesse exercício, surgem à luz, para um leitor atento, de um lado as facções ou interesses do autor e, de outro, a ficção ou criação do herói. Além disso, depois de colocar na cena o Coronel Abílio Wolney, por meio de um discurso heroico tomado emprestado ao estadista europeu, Wolney Neto continua seu exercício de plasmagem entre a campanha de Canudos e a expedição militar a São José do Duro:

O fantasma era o mesmo – sugerindo que os sertanejos do *Duro*, recuando, se concentrariam pouco a pouco na arena do grande teatro de erosão que desce da Serra Geral.

O próprio Chefe Expedicionário, Major Álvaro Mariante, havia comentado desde o Rio com o 1º Tenente Valentim Benício:

‘– A excursão que vamos fazer está pintada como uma nova Odisseia. Os meios de transporte são difíceis, há desertos a atravessar e perigosíssimos desfiladeiros a transpor’ ²¹.

Para o trecho destacado em itálico, o autor insere a seguinte nota de rodapé: “Palavras de Álvaro Mariante (extraídas e adaptadas do próprio *Relatório*)”. O fantasma temido é uma alusão óbvia às várias derrotas experimentadas pelas tropas federais nas campanhas de Canudo. Acopla-se, assim, o medo que foi efetivamente sentido em Canudos pelas tropas a um medo imaginado acerca de uma batalha que jamais ocorreu. Podemos inquirir sobre tal escolha do autor por uma batalha fictícia ao invés de narrar os combates que o Coronel Abílio Wolney travou efetivamente contra as militares da Província de Goiás. Teriam sido estas menos heroicas? Possivelmente a racionalidade de Wolney Neto considera que sim. Contudo, talvez o seu “não saber expressar” revela também a polifonia sobre os próprios eventos: banditismo e heroísmo se batem e, mesmo que o autor-narrador escolha o heroísmo, a sombra do contraditório permanece latente no discurso. Porém, apesar disso, a plasmagem entre a realidade e uma epopeia imaginada tem que continuar:

²⁰ PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite; Celso Lafer e Haroldo de Campos (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 272.

²¹ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 110. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015. (Itálicos do autor).

Abílio de Araújo e Roberto Dorado conheciam bem as estratégias da guerrilha, caldeados nos ‘fogos’ do sertão e por certo fracionariam seus minúsculos exércitos de capitães-do-mato numa fórmula paradoxal – dividiriam os contingentes dos seus homens para fortalecerem e era bem conhecida a tática dos cabras, sempre no mesmo modo de lutar: *se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira.*²²

Novamente, o verbo no futuro, “fracionariam”, ao se referir como os principais chefes dos homens do Coronel Abílio Wolney, Abílio Araújo e Roberto Dourado, personalidades do banditismo do Norte e Nordeste, “agiriam” em batalha. Neste trecho, o autor está se referindo aos prováveis confrontos que poderiam se dar em São José do Duro. Entretanto, a última metade do parágrafo, a partir de “se dispunham”, é de Euclides da Cunha, de seu tópico “primeiro encontro”, no qual narra um dos episódios de Canudos. Contudo, a referência ao original é negada, dada a ausência de remissão ao próprio Euclides da Cunha ou, ainda, de utilização das aspas como recurso para separar a porção de discurso do outro inserido em seu próprio. Desse momento em diante, Wolney passa a usar aspas nos próximos parágrafos, utilizando literalmente as palavras de Euclides da Cunha sobre os confrontos que haviam ocorrido de fato em Canudos. Contudo, referenda cada parágrafo com aspas e, no rodapé, grafa: “adaptado de Os Sertões”.

Com surpresas de toda sorte previstas, e tudo quanto a guerra tem de mais odioso, o suspeito exsurgia provável. Os soldados veriam tombar, mas ressurgir imediatamente, indistinto pelo fumo, o mesmo busto do guerrilheiro, apontando-lhes a winchester, o pabelum, o rifle, a cartucheira, o bacamarte, a espingarda carregada pela boca do cano. E se o alvejassem de novo, veriam erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se a apumando-se nos penhascos, o atirador fantástico²³.

Com maestria, Wolney seleciona os trechos nos quais Euclides da Cunha também usa locuções verbais no futuro, “veriam tombar, veriam erguer-se”, para realizar seu jogo literário e de escrita; na verdade, essa é a única possibilidade para tal, lembrando que as batalhas entre as tropas da comissão e os homens do Coronel Abílio

²² AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 121. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3> . Acesso em 16 jul 2015.

²³ Ibid.

Wolney nunca ocorreram em São José do Duro. Por outro lado, o que consideramos mais importante, a seleção pinça exatamente as principais tonalidades épicas de **Os Sertões**. Este tom épico se sobressai no ritmo imprimido por Euclides da Cunha pela pontuação que, segundo vários de seus analistas, quase permitem ouvir a respiração dos combatentes e o som do tropel das animálias à medida que grafa com precipitações, com retornos, com saltos e refreios bruscos sua composição literária.

A réplica dos Batalhões alvejando as encostas seria inútil. Um esparzir profuso pelos ares de mais de um milhão de balas na repetição, continuando, entanto, ameaçados em roda, com os jagunços ocultos, prendendo-os, cortando-lhes o passo para o recuo, sentindo novamente circulados pelos flancos e tendo outra vez, em roda, como se brotassem do chão, os antagonistas inexoráveis, jarretando-lhes os movimentos²⁴.

É a “sonoridade” da escrita euclidiana, que é possível “ouvir” no trecho acima, que encanta Wolney Neto, a vividez que ela provoca. Daí a apropriação, como se essa vividez euclidiana, independente do exercício de plasmagem, garantisse o efeito de verdade de sua própria narrativa, escusando-o inclusive pelo plágio confessado. Evidentemente que Euclides da Cunha lhe serve também para evidenciar o Coronel Abílio Wolney como o herói injustiçado, o grande acossando o pequeno, que, apesar de numericamente inferior em relação às tropas federais, é superior em estratégia e saberia “sufocar” o inimigo como uma sucuri flexuosa”. Trata-se da flexibilidade da estratégia vencendo a força bruta, que Euclides da Cunha caracteriza logo após o trecho adiante, como uma força constituída por homens aparelhados pelos recursos bélicos da indústria moderna. Nesse sentido, como é perceptível no trecho, o antropomorfismo euclidiano que amolda o homem à natureza e mimetiza a natureza no homem cai como uma luva à ornamentação estética pretendida:

A tática invariável do guerrilheiro surgiria temerosa naquele resistir às recuadas, restribando-se em todos os acidentes da terra protetora. Seria a luta da sucuri flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distenderiam os anéis; permitiria-lhe a exaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta; depois se constringiria repuxando-o, maneando-o nas roscas contráteis, para relaxá-las de novo, deixando-o

²⁴ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 121. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015.

mais uma vez se esgotar no escarvar, a marradas, o chão; e novamente o atrair, retrátil, arrastando-o – até ao exaurir completo²⁵.

A sucuri e o touro pujante, uma batalha de titãs, metáforas cuidadosamente pinçadas de **Os Sertões**. Desconsiderando-se, no entanto que, no original, as metáforas são uma alusão ao Brasil moderno em luta com o Brasil arcaico, daí o touro e a sucuri aparecem unidos na luta, cingidos, enroscados, sendo quase impossível diferenciá-los naquele momento. O coronel Abílio Wolney é elevado à categoria de herói em função da urdidura épica que nosso autor, Wolney Neto, toma de empréstimo a Euclides da Cunha. A vividez e o efeito de verdade almejado somente é atingido quando cingido, nos moldes da metáfora do touro e da sucuri, à ficção, que reafirma a força e a resistência, ainda que trágica, da família Wolney.

HISTÓRIA COMO TRAGÉDIA, TRAGÉDIA COMO HISTÓRIA.

Buscando os tons épicos para a apresentação do Relatório do Ministério da Guerra, Wolney Neto se serviu a se fartar de trechos de **Os Sertões**, segundo ele próprio “adaptando, metafraseando, inspirando-se, emprestando”²⁶ de Euclides da Cunha aquilo que lhe parecia expressar o que ele soubera apenas sentir. Toma, também, emprestado “algumas conclusões do literato” para se referir, desta feita, não às batalhas imaginadas que nunca ocorreram, mas para fazer alusão aos confrontos que efetivamente se deram entre a Família Wolney e as tropas militares de Goiás, aquelas alinhadas à família Caiado, antagonista da família Wolney cujas ações culminaram na execução dos nove membros desta.

Também Euclides da Cunha nos emprestaria algumas conclusões em **Os Sertões**, que transladamos, permeada de considerações nossas, supondo se adaptarem bem à famigerada *Expedição do Governo de Goiás*:

– *Aquilo não era uma Campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava, ainda, a forra da oligarquia almejando a degola do inimigo ousado, desacatador; devia-se desferrar-se*²⁷.

²⁵ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 121. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015.

²⁶ Termos usados várias vezes ao longo do corpo do texto e em várias notas de rodapé.

²⁷ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 209. Disponível em:

A caracterização das campanhas militares como “charqueada”, ação movida não pelo privilégio das leis, mas sim pela “vingança”, funciona como a montagem de um palco onde será encenada a tragédia. Neste cenário, Euclides da Cunha é o mestre de cerimônia que conduzirá a plateia, o leitor, na recepção do espetáculo. Para caracterizar a saga da família como uma tragédia, Wolney Neto faz outra escolha, ao menos no que se refere ao recurso da citação direta. Se para os tons épicos ele selecionou cuidadosamente trechos de **Os Sertões**, para a caracterização trágica usa o mesmo recurso, somente que em relação ao próprio relatório escrito pelo Comandante da expedição a São José do Duro, Álvaro Mariante. Isso nos faz pensar nas palavras de Walter Benjamim sobre a relação entre história e tragédia e nos permite entender melhor as escolhas feitas por Wolney Neto:

Existe uma relação essencial entre a grandeza, no sentido da História, e o trágico – uma relação que, naturalmente, não permite identificar as duas coisas. Mas podemos com certeza afirmar o seguinte: a grandeza histórica só pode ganhar forma artística na sua dimensão trágica²⁸.

Eis, pois, uma das motivações de Wolney, que transcende “uma restauração da memória”: recobrir a história que envolve sua família com a aura de grandiosidade, conjugando-se, assim, à “cura” do trauma da memória, que opera pela grandeza da história e pelo jogo estético com o fim último dos nove. É a partir desse sentimento que vai pinçando no relatório²⁹ os enunciados de Álvaro Mariante: “A noite desse primeiro ato da tragédia foi de agitada vigília para o Juiz Calmon. Passou-a ele em claro, nervoso, com dois revólveres à cinta. [...]”³⁰ A escolha deste trecho parece ser orientada especialmente pelo uso que Álvaro Mariante faz do termo “ato”, pois que nenhuma tragédia é digna dessa caracterização senão por meio da atuação teatral.

Wolney Neto parece se orientar entre uma linha tênue que separaria sua racionalidade anunciadora da grandeza da família e sua sensibilidade estética, anunciando a tragédia como um recurso retórico que abrigaria o sentido maior da injustiça sofrida pela família Wolney. Imbuído do imaginário de que a grandeza da

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3> . Acesso em 16 jul 2015..

²⁸ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 261.

²⁹ Apesar de o relatório ser publicado na íntegra e na forma original ao final do livro, Wolney Neto, numa parte específica para tal, recorta vários trechos do relatório e os comenta.

³⁰ AIRES NETO, 2003. op. cit., p. 191.

História se vincula à tragédia, mas expondo também uma visão de história marcadamente positivista, aquela que busca uma verdade, é direcionado não para **Os Sertões**, mas para o relatório. Busca, então, os enunciados de Álvaro Mariante, comandante da expedição, e não os de Euclides da Cunha:

Se nesta exposição em que procuramos pôr em exercício a máxima imparcialidade, são encontrados períodos que possam merecer o qualificativo de apaixonados, foram eles ditado pelo mais acurado sentimento de justiça, revoltado passo a passo contra a brutal e hedionda tragédia, ornamentada pela mais torpe covardia e pelo mais repugnante cinismo, cuja reconstituição foi-nos dado fazer em nossa peregrinação por aquelas regiões quase desconhecidas de nosso imenso país³¹.

Percebe-se que, ao tomar este trecho do relatório, ele desloca o sentido da estruturação de sua publicação. Os trechos alheios que vinham sendo mobilizados em busca de vividez, por meio da literatura especialmente, passam a ser mobilizados em busca de uma verdade objetiva, por meio de um documento oficial. Entretanto, ao tomarmos a narrativa de Wolney Neto como uma construção literária, obra de um ficcionalizador, é possível dizer que ele constrói algo bem próximo de uma tragédia moderna, nos moldes que a define Raymond Williams: ao dizer-nos que “no centro da tragédia moderna há uma situação isolada”. Isso ocorre na obra em análise à medida que Wolney Neto nos coloca diante de seu avô como:

Um homem no ponto culminante de seus poderes e no limite de suas forças, a um só tempo aspirando e sendo derrotado, liberando energias e sendo por elas mesmas destruído. [...]. O curso que devemos tomar é, ao final, a transformação do trágico em vítima trágica³².

A tragédia é transformada, em última instância, na injustiça sofrida pela família Wolney e pelo Coronel. Nesse contexto, talvez o núcleo do discurso de Wolney Neto estaria no seu projeto inicial: recuperar a honra da família que foi morta e, sobretudo, limpar a nódoa que recaía sobre seu nome. Talvez por ter consciência disso, embora mobilize menos **Os Sertões** e mais o relatório, não abandona Euclides da Cunha de todo, voltando a utilizá-lo justamente no ponto em que o literato une tragédia e história.

E se nada tinham a temer, nem mesmo o juízo remoto do porvir, entre os deslumbramentos do futuro caíam, implacáveis e revoltas aquelas

³¹ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 200. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015.

³² WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 119.

ocorrências; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos³³.

Em seguida, a partir de tal inspiração, volta a abordar como se fora de sua própria autoria a “sua” página da história:

Uma página tarjada de horrores, sem glória, que fechamos também sem catarse, sem o efeito moral e purificador da tragédia, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos leitores, proporcionando-lhes o alívio ou a purgação desses sentimentos, visto que ainda deixam em todos, como objeto de reflexão, uma indignação reprimida, que *só se esquece no perdão*³⁴.

Deste trecho, a parte efeito moral e purificador da tragédia, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos leitores, proporcionando-lhes o alívio ou a purgação desses sentimentos é a definição de catarse que consta no dicionário Aurélio e reproduzido à exaustão em sites que tratam de definições vinculadas a Aristóteles. Wolney se esforçou em apresentar os atos de uma tragédia, mas, forçosamente, teve de admitir que, em sua construção narrativa, apropriando-se sempre que podia das referências à chacina do Duro como tragédia, especialmente as contidas no relatório do Comandante Álvaro Mariante, faltava-lhe o elemento essencial: a redenção pela morte do herói trágico.

Entretanto, mesmo admitindo, não se rende, pois, assim como inseriu o herói épico em sua narrativa – mesmo que este não fosse parte da obra de seu grande inspirador Euclides da Cunha – pela plasmagem de **Os Sertões**, do Relatório e de seu próprio texto, ele soluciona a ausência da redenção, elemento fundamental da tragédia clássica, apontando para a redenção cristã: o perdão. Nesse sentido, o próprio Wolney Neto se coloca em cena como o elemento redentor, muito provavelmente calcado na formação espírita Kardecista de sua família. O perdão é o único sentimento que Wolney Neto oferece ao processo histórico, pois rememorar e copiar as condições para narrar

³³ AIRES NETO, Abílio Wolney. **O Duro e a Intervenção Federal**. Anápolis: Edição do autor na Biblioteca Virtual, 2003, p. 211. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12725404/abilio-wolney-aires-neto-dno/3>. Acesso em 16 jul 2015.

³⁴ Ibid. (no rodapé de nº 117 do autor: Trechos em itálico de **Os Sertões**).

sua versão da verdade não produziu a cura pelo ultraje sofrido, algo que talvez somente seja possível por meio da recriação dos fatos: a cura produzida pela ficção.

CONSIDERAÇÕES

Devo confessar nosso incômodo: não é fácil abordar uma publicação como a de Wolney Neto. O desconforto se inicia à medida que, na condição de historiador conhecedor do processo da “Chacina do Duro”, tendo escrito sobre ela, apesar de tangencialmente, em nossa tese sentimo-nos instados a todo instante a interferir na narrativa de Wolney Neto, complementando-a, acrescentando-lhe elementos de historicidade. Porém, esse não era o objetivo do artigo. O desconforto aumenta por considerarmos direito inalienável seu lutar pela restauração da memória de sua família, daí termos que realizar um esforço extra para que nossa problematização, sem dúvida construída a partir de um ponto crítico, não induzisse o leitor a imaginar que estaríamos lhe negando esse direito, pois se em termos poéticos foi trágico e épico, ou não, em termos socioculturais o processo foi vivido por sua família e, assim, foi sentido por Wolney Neto a partir de sua consciência prática movida pelo seu espírito de família.

Além disso, devemos reconhecer-lhe o mérito pela publicação de documento original, atitude tão cara a nós historiadores, e, independente das críticas ao seu trabalho, apenas pela publicação já valeria a pena. Outrossim, sua batalha pela restauração do nome da família tem propiciado a nós uma infinidade de questões acerca dos usos da memória e tem levantado questões importantes sobre o emblemático processo da história de Goiás que, sem dúvida, deverá ser, e será, reescrita inúmeras vezes a partir de tais questionamentos suscitados pela “Chacina do Duro”. Reescritas que a cada versão ou perspectiva surgem com novas máscaras e com a dilatação ou contração dos conteúdos históricos em função das expectativas de um autor/narrador e dos horizontes de prováveis leitores: um exercício rico e que torna nosso trabalho, o ofício do historiador, um vale de reencantamento.

Outro incômodo vincula-se à questão da cópia propriamente dita. Não foi inadvertidamente, e muito menos irresponsavelmente, que encerramos o nosso último tópico fazendo alusão ao uso que Wolney Neto fez da definição de catarse presente no dicionário Aurélio. Se há em todo o seu texto um trecho que se poderia caracterizar

como “plágio”, no sentido mais corriqueiro que se tem dessa prática, seria aquele.³⁵ Entretanto, consideramos que seu uso, no caso em tela, é o momento mais esclarecedor acerca dos sentimentos e (res)sentimentos de Wolney Neto. Para outras apropriações de trechos alheios, ele referenda com aspas e com rodapés, com consciência plena de que é uma “forma de plágio”, devido à plasmagem realizada entre a escrita alheia e a sua, mas faz questão de se escusar com o uso dos termos “adaptação, empréstimo” e outros afins. Por que, então, não o fez para uma cópia tão “escancarada” como a realizada do dicionário? Não cremos que tenha sido um típico “plágio de má-fé”, pois, até pelo fato de ser juiz, Wolney Neto nada tem de ingênuo.

Inferimos que confessar essa cópia específica, como o fez para outras, seria o mesmo que confessar o profundo (res)sentimento que o move. Tal plágio revela o seu momento mais íntimo durante a escrita. Está em busca da catarse, da cura para seu (res)sentimento. Seu íntimo debate-se entre o juiz que julga e que pune e o espírita que perdoa. Daí o plágio ser finalizado com a frase terminada em itálico: “uma indignação reprimida, que só se esquece no perdão”. Imbuído de estar retirando ao seu antepassado, por meio do efeito estético, o estigma de “bandido”, vestindo-lhe a máscara do herói épico, e pelo jogo realizado entre história, memória e ficção, unindo epopeia e tragédia pela justaposição polifônica de vozes e de máscaras, recusa-se a se revelar, ele próprio, por trás da máscara: o juiz que é, dentre muitas possibilidades, voltando a Octávio Paz, também “uma imagem poético-política revelada pela interpretação”.³⁶

ARTIGO RECEBIDO EM 29/05/15. PARECER DADO EM 26/07/15

³⁵ Última citação de Wolney Neto neste artigo.

³⁶ PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite; Celso Lafer e Haroldo de Campos (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 272.